

APRESENTAÇÃO

Caroline Soares de Almeida¹

Daniel Machado da Conceição²

Carmen Silvia Rial³

A aproximação entre futebol e pesquisas nas Ciências Sociais não é novidade no Brasil. Desde o início, esse esporte mostrou-se um fenômeno urbano bastante significativo pelo seu alto poder de espetacularização – assim, foi aproveitado por diferentes atores na tentativa de se obter vantagens políticas. Em 1938, Gilberto Freyre publicou no Diário de Pernambuco uma análise social e cultural da seleção brasileira que excursionava pela Europa, tendo como destaque o atacante Leônidas da Silva – jogador negro, considerado um dos maiores ídolos do futebol no país. Escrevia Freyre, utilizando as categorias de Spencer: “O *estyl*o mulato, afro-brasileiro de *foot-ball* é uma forma de *dansa dionisíaca*⁴”. Essa perspectiva foi retomada pelo autor, anos mais tarde ao prefaciar “O negro no futebol brasileiro”, de Mário Rodrigues Filho (1947), e no texto “O futebol e a dança” (1971). Uma década depois, Maria Isaura de Queiroz (1948), seguindo a mesma linha Freyre, escreve “O futebol e o caráter dionisíaco do brasileiro⁵”, desta vez, abordando as categorias dionisíaca e apolínea como padrões culturais sob a perspectiva de Ruth Benedict – e, de certa forma, inaugurando a presença do futebol no pensamento social brasileiro pelo viés culturalista. No entanto, a primeira pesquisa sobre futebol defendida em uma pós-graduação, na grande área das Ciências Sociais, no país, foi apresentada apenas em 1977. Trata-se da dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes, no

¹ Doutora e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui Graduação em História também pela Universidade Federal de Santa Catarina e Bacharelado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Integra o grupo de pesquisadoras do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC). Desde 2011, é pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC), atuando, principalmente, nas áreas de esporte, globalização e gênero. E-mail: almeidacarol82@gmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, Mestre em Educação, graduação em Ciências Sociais pela UFSC. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/CED/UFSC), membro do Grupo Esporte e Sociedade. Bolsista no Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina UNIEDU/Pós-Graduação.

³ Jornalista e antropóloga tem doutorado em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V (1992). Professora Titular (2016) do Departamento de Antropologia da UFSC (1982), atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É editora Associada de Anais da Academia Brasileira de Ciências. Participou da criação das revistas Ilha, Vibrant, Novos Debates e da TV ABA e integra mais de 20 conselhos editoriais entre os quais o da American Ethnologist e de Etnográfica. Coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (Navi), o Grupo de Antropologia Urbana e Marítima, e integra o Instituto de Estudos de Gênero (IEG). Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2013-2015). Atualmente, é Presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e coordenadora da União Mundial de Antropologia (WUA).

⁴ FREYRE, Gilberto. *Foot-ball Mulato*. Diário de Pernambuco de 17 de junho de 1938.

⁵ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Revista Joaquim*, n. 18, 1948

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), intitulada “O futebol brasileiro: instituição zero”.

Diante dessa tradição nos estudos de futebol, atribuída às Ciências Sociais, o Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem⁶ (NAVI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizou a primeira edição do Simpósio de Futebol em 2010 – tendo como temática “Espetáculo e Corporalidade”. O evento reuniu trabalhos acadêmicos e visuais de diferentes pesquisadoras/es de universidades do Sul, do Sudeste e do Nordeste. Em maio de 2012, a segunda edição do Simpósio de Futebol explorou discussões sobre mídias, migrações e sociabilidades. Além das sessões temáticas com apresentações de trabalhos e das mostras visuais, essa edição contou com mesas redondas. Participaram desses debates: Simoni Lahud, Arlei Damo, Carmen Rial, Alexandre Vaz, Matias Godio, Luiz Antônio Carvalho da Rocha, Fernando Bitencourt, Édison Gastaldo, entre outras/os.

A última edição aconteceu no final de 2018, em formato condensado⁷ de um dia, sendo composto por duas mesas redondas e uma mesa de encerramento com Simoni Lahud Guedes. O título escolhido foi III Simpósio de Futebol: “Nossa América em Campo”⁸. Embora mais interno à UFSC, esse evento debateu questões de alta relevância para as Ciências Sociais como: corpo, moral, formação esportiva, gênero e globalização.

Este dossiê reúne onze estudos sobre o futebol brasileiro, debatidos durante os Simpósios de Futebol promovidos pelo NAVI nesses dez anos de existência. São pesquisas que têm o futebol como temática, seja pelo grau que esse fenômeno esportivo atinge nos múltiplos setores da sociedade brasileira, seja pela relevância que o tema tem tomado durante esses quase noventa anos da produção científica das Ciências Sociais no país – sendo a segunda alternativa, reflexo da primeira. Diante das possibilidades que as relações entre futebol e Ciências Sociais nos oferecem, os textos aqui apresentados abordam as relações estabelecidas entre: futebol e corporalidade; futebol e mídias; futebol e torcidas organizadas; futebol e marcadores sociais da diferença; futebol e globalização; futebol e política; futebol e educação/formação esportiva; futebol e migração.

O mercado de futebolistas sul-americanos para clubes de futebol

⁶ Embora seja um núcleo de Antropologia Visual e estudos da imagem, o NAVI congrega pesquisas na área de antropologia urbana e globalização cultural. É coordenado por Carmen Rial.

⁷ Em função dos cortes orçamentais na área da educação.

⁸ O título foi escolhido em função da mesa final que seria composta também pelo Dr. Pablo Alabarces, no entanto, por motivos pessoais, o professor argentino cancelou sua participação no simpósio.

globais é a temática de “Black Atlantic footballer”, artigo de abertura deste dossiê, escrito por Carmen Rial. O texto, inicialmente apresentado em uma conferência na Universidade de Londres em 2018, apresenta uma importante reflexão sobre as representações – entre valorizações positivas e negativas – atribuídas aos jogadores brasileiros que atuam na Europa. Durante quase duas décadas de pesquisa etnográfica, a antropóloga identificou que muitos dos estereótipos étnicos ainda persistem, perpetuando imagens racistas que remetem à época do tráfico negreiro no Atlântico e que possuem consequências econômicas diretas nas transações comerciais entre clubes e agentes.

O artigo seguinte, escrito por Luciano Jahnecka, desvela a trajetória de jogadores de futebol que constroem carreiras às margens de uma profissão midiaticizada. Os futebolistas infames representam um contingente de jogadores profissionais que não atingem o estrelato e a circulação em clubes de grande expressão. Portanto, possuem uma carreira pouco conhecida, cheia de percalços e com tomadas de decisões constantes em meio a certas condições. Ao ler “Sobre as trajetórias de futebolistas infames: poder sobre a vida e poder da vida”, o autor argumenta a respeito de um duplo uso da noção de biopolítica a partir das escolhas que os atletas realizam durante suas carreiras, um “poder sobre a vida” e um “poder que uma vida exerce”.

O terceiro artigo avança nas questões sobre a formação de atletas e a concomitância com a escolarização. O texto de autoria do Carlus Augustus Jourand Correia e Antônio Jorge se enquadra no campo de estudos sobre a dupla carreira. Os conceitos de projeto e campo de possibilidades são acionados para maior compreensão de como atletas em formação pertencentes às camadas médias da cidade do Rio de Janeiro/RJ elaboram estratégias para realização das duas atividades formativas: futebol e escola. O texto “Dilemas da dupla Carreira: projeto escolar e futebolístico de estudantes-atletas das classes médias e altas do Rio de Janeiro” é resultado de uma pesquisa com 15 atletas das categorias de base de diferentes clubes. Como resultado, foi possível perceber que o campo de possibilidades e a trajetória familiar (capital cultural) influenciam na construção das crenças e nas estratégias adotadas para escolarização e para formação futebolística.

O texto “A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileiras” apresenta alguns resultados de oito anos de pesquisa etnográfica sobre o Futebol Feminino. A autora Mariane da Silva Pisani articula os conceitos teóricos e analíticos de “circulação futebolística” e de “circuito” para descrever o movimento das

jogadoras que buscam nos clubes das regiões Sul e Sudeste melhores condições profissionais e de visibilidade. O texto também traz um panorama histórico sobre as pesquisas que abordam o Futebol Feminino a partir da primeira dissertação sobre o tema em 1997. A discussão do texto atravessa as muitas pesquisas sobre a temática e propõe aprofundar algumas questões relativas aos circuitos nacionais construídos e vivenciados por mulheres brasileiras que atuam nos clubes futebol.

“A concomitância entre estudar e jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de jogadores de futebol em formação” é o título do quinto artigo que compõe o dossiê. Escrito por Daniel Machado da Conceição e Alexandre Fernandez Vaz, aborda a formação de atletas das categorias de base do futebol de campo a partir das relações estabelecidas no ambiente escolar. A pesquisa de campo foi realizada nos dois clubes formadores existentes na cidade de Florianópolis: o Avaí F. C. e o Figueirense F. C.. Os autores refletem sobre a categoria de estudante-atleta, definido pelo duplo papel exercido no clube e na escola, em função dos projetos de carreira almejados por esses jovens em idade escolar.

Na sequência, Cristiano Mezzaroba e Fernando Bitencourt realizam um importante estudo documental das reportagens esportivas veiculadas no periódico online El País Brasil, identificando-as a partir da análise crítica thompsoniana sobre a categoria “ideologia”. A ideia da pesquisa surgiu da problemática atual deflagrada pelo crescimento da extrema direita neoliberal no Brasil e, por conseguinte, de todo o pensamento segregacionista conferido a essa expressão política. As reportagens escolhidas correspondem a debates cotidianamente travados no país e que também são reproduzidos nas arenas esportivas por diferentes atores sociais, entre atletas, torcidas, telespectadores, jornalistas, representantes governamentais, etc. diante disso, o texto, intitulado “Esporte e ideologia no periódico on-line El País Brasil”, divide o material coletado em cinco agrupamentos temáticos: machismo; política e fascismo; racismo; mercadorização e tecnologias; e homofobia e preconceitos/assédio sexual.

O sétimo artigo, “Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2010–2017): reprodução da colonialidade sob a perspectiva do Sistema-Mundo Moderno”, é assinado por Juliano Pizarro, Carmen Rial e Luiz Carlos Rigo. Nele, a análise sobre os fluxos de futebolistas homens nos campeonatos internacionais entre clubes e o mercado esportivo global é pautada a partir do diálogo entre as teorias da Economia Política dos Sistemas-Mundo, desenvolvida por Wallerstein, e as pós-coloniais e decoloniais. O recorte da

pesquisa compreende os anos de 2010 a 2017.

O rompimento com a normatividade instituída nas modalidades de futsal entre “feminino” e “masculino” é trabalhado por Julian Silvestrin e Alexandre Vaz em “Meninos Bons de Bola: transmasculinidades em quadra”. Os autores reforçam a ideia de que a emergência de sujeitos trans em espaços públicos esportivos/de lazer suscitam experiências de subjetividade diferenciadas e que só podem ser compreendidas por esses corpos dissonantes. Diante disso, recorrem a notícias e matérias publicadas sobre a equipe de futsal Meninos Bom de Bola, composta por homens trans da cidade de São Paulo, sob a luz do conceito de Wagner Camargo de “práticas esportivas dissonantes”.

O artigo de Caroline Soares de Almeida e Thaís Rodrigues de Almeida aborda o contexto político no início da década de 1940 que levou à proibição do futebol – entre outros esportes que, segundo o pensamento científico hegemônico da época, “atentassem contra a natureza da mulher”. As autoras apresentam diferentes atores que tomaram parte do debate, entre jornalistas, teóricos, médicos, agentes da lei e as futebolistas, tendo como fontes as notícias de jornais veiculados na época. Dessa cena figuram as trajetórias de clubes do subúrbio do Rio de Janeiro, tal como o Primavera A. C., que foram centrais nessa discussão. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias? Histórias do futebol de mulheres no Brasil” nos mostra como, entre incentivos e depreciações, as mulheres acabaram sendo impedidas de ocupar os espaços destinados ao futebol no país, seja nos campos ou nos veículos de comunicação.

O texto “As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças” discute um tema de grande relevância para o clubismo. O autor Eduardo Araripe Pacheco de Souza realiza uma análise sobre os “torcedores organizados” e/ou “torcedores uniformizados”, avançando na discussão e formulando a criação de uma nova categoria de análise, denominada de “grupos organizados de torcedores”. A partir do método etnográfico, foi possível perceber a rede de relações que passam a constituir alianças entre os grupos organizados. As alianças formam uma rede de reciprocidade entre grupos de municípios e mesmo de estados diferentes. Diante disso, apresenta a organização, o comportamento, o perfil social e as características associativas desses grupos, o que amplia o entendimento sobre o contexto das ações dos chamados grupos organizados de torcedores.

O último texto, “A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense”, embora não explore diretamente o futebol, demonstra como a inserção da prática do remo na cidade de Florianópolis compartilhou dos mesmos signos e ideais associados ao chamado esporte betrão, introduzido no local alguns anos mais tarde. Em diferentes cidades brasileiras concebe-se que as pessoas aprenderam a torcer nos estádios a partir das regatas, e na capital catarinense não foi diferente. Entre esses elementos semióticos se encontra a idealização do soldado-cidadão, fortemente incorporado à construção do projeto de nação a partir da narrativa da experiência considerada vitoriosa do Brasil na Guerra do Paraguai. O autor, o antropólogo Cristhian Cajé, a partir de fotografias encontradas durante seu trabalho de campo no Clube Náutico Riachuelo – o mais antigo da capital – demonstra como essa narrativa foi incluída no decorrer dos cem anos de existência da instituição e como diretoria e atletas continuam recorrendo a esses símbolos na atualidade.

A coletânea de textos aqui apresentada compila diferentes pontos de vistas das Ciências Sociais sobre a temática do futebol – e de suas variantes modais. Todos os estudos dialogam entre si, formando uma comunidade de pesquisadoras e pesquisadores espalhadas/os por todas as regiões do país, além de outros países da América do Sul.

Após o aquecimento e a preleção final, chegou o momento de entrar em campo. Cada autor perfilado com seu texto deve ocupar uma posição dentro do gramado. Não há esquema tático que possa vencer uma seleção de craques, que por meio da arte na escrita acrescentam mais detalhes para compreensão do esporte futebol, esse encarado como um fenômeno social.

Apita o juiz! Rola a bola, ou melhor, se abrem as páginas. Se podemos dar um conselho: com um time desses, só com marcação cerrada.

Boa leitura a todas e todos.

Referências Bibliográficas:

FREYRE, G. “Futebol brasileiro e dança” In FREYRE, Gilberto. Seleta para jovens. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball Mulato. Diário de Pernambuco de 17 de junho de 1938.

GUEDES, Simoni Lahud. O Futebol Brasileiro: Instituição Zero (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, 1977.

GUEDES, S. O povo brasileiro no campo de futebol: o futebol e a construção da

identidade nacional. Letras, n.54/56, agost/out., 1998.

PEREIRA DE QUEIROZ. Maria Isaura. Revista Joaquim, n. 18, 1948.

RODRIGUES FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.